

Lembranças e histórias: Ricardo Benzaquen e o CPDOC

Lucia Lippi Oliveira*

Na cerimônia religiosa realizada na sinagoga por ocasião da morte de Ricardo Benzaquen o rabino mencionou que, segundo a tradição judaica, nós só podemos falar do outro e do passado a partir da lembrança. E é isto que tentarei fazer aqui!

Para lembrar a presença de Ricardo Benzaquen no CPDOC tenho que me reportar aos anos iniciais daquele Centro de Pesquisa e Documentação ainda nos anos 1970. Ali se reuniu um grupo de jovens pesquisadores, a maioria fazendo mestrado em Ciência Política no então IUPERJ. Grande parte dos que vieram a fazer parte do Centro foi convidada por Aspásia Camargo, então coordenadora do setor de pesquisa, que ministrou um curso de teoria no mestrado do IUPERJ. Foi entre seus alunos que ela selecionou e convidou muitos que foram integrar o quadro de pesquisadores do Centro que acabava de receber seu primeiro financiamento da FINEP em 1976. Helena Bomeny, só para citar um caso, foi uma das que foi convidada a partir do curso acima mencionado.

Entre as linhas de pesquisa então iniciadas estava o estudo do pensamento social brasileiro. Um dos primeiros projetos denominado *Brasiliiana* estava ocupado em fazer o levantamento e a análise da bibliografia sobre a Revolução de 1930, saber como tal Revolução tinha sido interpretada no seu tempo por seus contemporâneos. A este projeto se seguiu outro relativo à ideologia do Estado Novo e aos seus intelectuais. Desse modo, este grupo de pesquisa do CPDOC esteve, em suas origens, ocupado em analisar a produção intelectual dos anos 1920, 1930 e 1940 em torno dos pensamentos liberal, católico, conservador, integralista. O pensamento político expresso em livros, artigos e revistas era objeto central das pesquisas assim como a complexa e multifacetada relação entre os intelectuais e a política.

Aqui começa a conexão entre o CPDOC e Ricardo Benzaquen. Ele chega ao Centro por indicação de Gilberto Velho, seu orientador de mestrado no PPGAS, respondendo à demanda de Aspásia Camargo interessada em cooptar jovens promissores dos centros de pós-graduação existentes

* Lucia Lippi Oliveira é doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), na Fundação Getúlio Vargas (FGV). E-mail: lucia.lippi@fgv.br.

à época. Ricardo foi integrado na equipe do projeto Brasileira, então coordenado por mim. Chegou para nós já como figura notável no campo da História. Aluno do Prof. Francisco Falcon e monitor da cadeira de História Contemporânea ministrada no curso de História da Puc/RJ. Um tipo que pode ser chamado de “jovem prodígio” com cultura erudita muito acima de seus colegas.

É preciso lembrar que quando Ricardo entrou no CPDOC ele fazia o mestrado no PPGAS-Museu Nacional, como já mencionei, sob orientação de Gilberto Velho. Gilberto, organizador do livro *Arte e Sociedade* (Zahar, 1977), publica naquela coletânea o artigo “Romeu e Julieta e a origem do Estado”, assinado por Eduardo Viveiros de Castro e Ricardo Benzaquen de Araújo.

Tudo isto vai compondo uma colcha de retalhos de fatos da trajetória de cada um de nós. Quero, entretanto, registrar que a forma pela qual Ricardo entra no grupo e na instituição guarda traços particulares. Fala macia, ele exercia seu poder de sedução fazendo o outro se sentir a pessoa mais importante do mundo. Isto não significa que não fosse capaz de ser crítico, apontar problemas quando isto se fazia necessário.

Ele chegou devagar e foi conquistando passo a passo, um a um, pela sua capacidade de ouvir e sugerir autores que apresentavam uma reflexão fundamental, inovadora para que o projeto de pesquisa de cada um pudesse ter continuidade. Traços estes que o fizeram um excepcional orientador de dissertações e teses mais adiante. Conviver com ele era, por assim dizer, entrar em contato com um representante típico da sabedoria, do humor e da autocrítica do intelectual judeu.

Ele trouxe para os pesquisadores do Centro, marcados pela temática e pelas questões da Sociologia e da Ciência Política, a contribuição da historiografia francesa, entre outras. Jacques Le Goff e seus intelectuais na Idade Média, Mannheim e o pensamento conservador, Jacob Burckhardt e o renascimento italiano, Isaiah Berlin e os pensadores russos passaram a fazer parte de nosso universo. Ah sim, foi Ricardo quem primeiro me falou sobre Edward Said e o orientalismo!

Eu mesma me beneficieei muito da presença de Ricardo e de sua “orientação”, ou seja, das “dicas” sobre autores que até então eu desconhecia. Fazia meu doutorado sobre a questão nacional e suas sugestões de bibliografia sobre nazismo e fascismos - Stanley Paine, Juan Linz, George Mosse e Walter Laqueur entre outros-, foram fundamentais para compreender a força do conservadorismo e do nacionalismo na Europa após Primeira Guerra e no Brasil dos anos 20 e 30.

Foram também importantes os debates a propósito dos livros de Hannah Arendt *Entre o passado e o futuro*, *Sobre a Revolução*, *As origens do totalitarismo* e *Eichmann em Jerusalém* que estavam na ordem do dia e que com Ricardo se tornavam mais presentes no cotidiano do Centro.

Só para dar um exemplo do que estou lembrando e tentando transmitir. Foi Ricardo quem me apresentou ao *Dictionary of The History of Ideas* e à *Enciclopédia Einaudi* onde estão publicados verbetes sobre o universo das ideias e da cultura escritos por autores oriundos dos campos da filosofia política, história cultural, antropologia histórica, sociologia da cultura. Desde então, qualquer novo tema a ser pesquisado por mim passou a ter como primeiro passo a consulta a tais fontes.

Voltando ao trabalho de Ricardo no CPDOC. No projeto Brasileira ele foi instado a pesquisar, a dar conta do pensamento integralista e foi o que fez ao centrar sua análise na produção de três principais intelectuais da AIB: Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso.

Sobre Miguel Reale escreve o artigo “In medio virtus: uma análise da obra integralista de Miguel Reale”, escrito em 1983 e publicado cinco anos depois em *Textos CPDOC*, um instrumento de divulgação das primeiras versões de textos de pesquisas. Sobre Gustavo Barroso escreve “Os mercadores do Mal: os judeus na obra de Gustavo Barroso”. Ainda que não tenha avançado na análise deste autor, tal pesquisa vai ter continuidade quando Ricardo orientou a dissertação de mestrado de Marcos Chor Maio no IUPERJ sobre o pensamento antissemita de Gustavo Barroso publicada em 1992. Vale notar aqui a criatividade de muitos de seus títulos. Intitular era um desafio que ele enfrentava bravamente!

Sua pesquisa em torno do pensamento integralista foi sendo apresentada no GT da Anpocs sobre Elites políticas. O trabalho sobre Plínio Salgado o levou a publicar finalmente o seu primeiro livro, *Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado* (Zahar, 1987). A bibliografia ali citada dá ideia do arsenal mobilizado por ele para dar conta da obra de Plínio, tratado quase sempre como cópia tupiniquim do ideário fascista europeu.

Benzaquen procura demonstrar os limites da categoria conservador para dar conta do pensamento de Plínio Salgado e vai mostrar sua inserção na lógica do pensamento totalitário. Se Plínio Salgado fazia uma crítica ao liberalismo e à sociedade dos indivíduos, como fazia a maioria dos intelectuais dos anos 20 e 30, a solução proposta pelo movimento por ele liderado na década de 1930 (AIB) não visava manter uma sociedade fundada em uma hierarquia, típica do pensamento conservador. Ao contrário a vertente de Plínio Salgado recusava o elitismo, defendia uma igualdade

pensada como uniformização e o ideal de transformar todos os indivíduos em cidadãos. Para Plínio era fundamental a criação de uma sociedade de militantes mobilizados na participação política e afeitos a princípios que deveriam regular todas as esferas da vida. Assim, segundo análise de Ricardo a noção de totalitarismo daria mais conta do pensamento de Plínio Salgado já que a sua proposta era revolucionária, visando criar uma nova totalidade.

A qualidade, a seriedade, a relevância desta pesquisa, a inovação da análise de Ricardo sobre Plínio Salgado foi ressaltada por Francisco Falcon, seu professor na Puc-Rio, no prefácio e por Amaury de Souza, então seu colega no IUPERJ, na orelha do livro publicado em 1987. Este livro perdeu-se na poeira dos tempos! Teve pouca recepção. Foi esquecido pela academia e, creio, também por seu autor já que seus interesses foram migrando para outros temas – para a análise da obra de Gilberto Freyre que desenvolveu em seu doutorado em antropologia-, e com suas novas atividades e inserções institucionais – como professor de sociologia no IUPERJ.

Ele escreveu nos Agradecimentos do livro acima mencionado esclarecendo as origens do texto e reafirmando que o trabalho sobre o integralismo e Plínio Salgado foi inteiramente concebido e elaborado dentro do CPDOC, estendendo-se ao longo de dois de seus projetos de pesquisa, o Brasiliana e o Estado Novo. Lembro que ao me dedicar este livro no fim dos Agradecimentos Ricardo menciona minha “mineira” sabedoria para aplacar sua “arrogância e obsessão” e seu “udenismo existencial”. Eu, na chave do pragmatismo mineiro, dizia: Ricardo, o ótimo é inimigo do bom! Mas eu, ainda bem, nunca obtive muito sucesso nessa admoestação. Ao contrário, Ricardo almejava tudo saber e acreditava que isto era possível... Nosso convívio diário no Centro possibilitou-me acompanhar passo a passo o andamento de sua reflexão, a autocrítica, a cobrança, as exigências extremadas que por vezes o paralisava, que o obrigava a refazer mais uma vez o esquema do artigo, do texto. Sim, Ricardo montava o roteiro completo do texto e se algo não se encaixasse adequadamente no roteiro original considerava necessário reorganizar tudo, refazer tudo... Isto talvez explique o relativo baixo número de suas publicações, o que nada tem a ver com a alta qualidade de seus textos, de suas aulas e de suas orientações.

Outro artigo de autoria de Ricardo, ainda produzido nos tempos do CPDOC e de seu doutoramento no Museu Nacional, que marcou as reflexões e as análises sobre a Era Vargas foi “O dono da casa – notas sobre a imagem do poder no “mito Vargas”. O texto faz uma correlação entre a figura de Vargas, objeto central de construção do aparato ideológico do Estado

Novo e um dos temas centrais do campo da religião e da antropologia – os mitos. Fez uma aproximação abordando semelhanças e diferenças com a hagiografia, antigo modelo cristão de contar a vida dos santos. Acionou Michel de Certeau, Marcel Detienne e Michel Foucault entre outros assim como focou em Francisco Campos para analisar um livro escrito para crianças intitulado *História de um menino de São Borja*, editado pelo DNP (Departamento Nacional de Propaganda), precursor do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) em 1939, tendo uma Tia Olga apresentada como autora do texto. Vale notar que este foi o primeiro trabalho de Ricardo apresentando no GT Pensamento Social no Brasil da ANPOCS em 1985 e publicado na revista Religião e Sociedade (v.13, n.2, 1986). A partir de então o GT Pensamento Social contou com Ricardo apresentando comunicações, sendo debatedor de sessões e coordenador do GT.

Simultaneamente aos textos produzidos em decorrência de seu trabalho no CPDOC, Ricardo pesquisou e escreveu sua dissertação de mestrado “Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão”.

E vale também lembrar que ao mesmo tempo nasciam Alice e Carolina, suas filhas gêmeas com Silvana Miceli. Imaginem o sucesso que isso fez em uma instituição com predominância feminina!

Além de seu envolvimento intelectual, acadêmico, Ricardo tinha abertura para ouvir, para discutir, para sugerir medidas e providências no campo da política institucional como veio a fazer em todas as instituições por onde atuou. Seu envolvimento institucional o levava a pensar e propor políticas, isto independente de fazer ou não parte da direção. O número de vezes que saíamos da FGV e íamos a algum lugar para conversar e debater sobre os choques que se apresentavam cotidianamente em ambientes acadêmicos onde a honra é a principal moeda de troca, a situação de atraso no repasse de verbas para a pesquisa, a situação de incerteza dos contratos de trabalho dos pesquisadores. Desse modo, o ser político, o envolvimento com o bem comum permaneceu para sempre como traço marcante de sua inserção nas diversas instituições acadêmicas por onde andou.

Por tudo isto, tenho também que lembrar que fui uma das que votou contra, desaconselhou, lamentou sua saída do Cpdoc e ida para o IUPERJ. Com ou sem razão mas esta é uma outra estória...

Recebido em
março de 2017

Aprovado em
maio de 2017